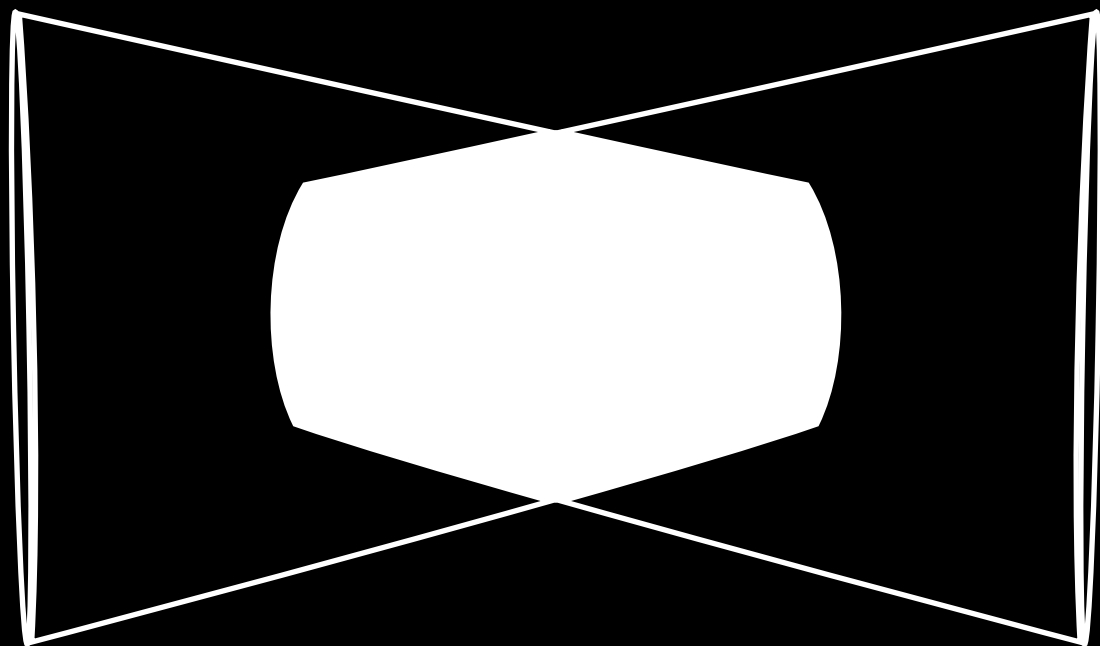


5 ANOS



24 QUADROS

CATÁLOGO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

APRESENTAÇÃO

A sexagésima mostra do *Cineclube 24 Quadros* se inicia no mesmo dia 6 de maio em que começamos, há exatos cinco anos. Nesta idade, normalmente as crianças começam a ler e escrever, depois de articular as primeiras palavras e aprender a se equilibrar sobre as próprias pernas. Não é um tempo deveras significativo, de um ponto de vista histórico, mas o é no contexto cultural cearense.

A condição climática de semi-aridez muitas vezes se traduz em “ciclos culturais” no âmbito deste Estado. Iniciativas bem-intencionadas que não resistem, porém, a adversidades nada “naturais”. Assim como as consequências da seca – este sim, um fenômeno natural – que castiga o sertão nordestino, a destruição das nossas atividades culturais têm forte mediação/intervenção política, às vezes descarada, por vezes mais sutil. Uma simples sucessão eleitoral pode colocar uma pá de cal sobre projetos estabelecidos. A “redefinição de prioridades”, elegendo-se como tal, normalmente, aquilo que rende mais votos, amiúde retira recursos de bibliotecas, museus, salas de cinema sem fins lucrativos e da produção de bens culturais como filmes, discos e outros. Parafraseando Darcy Ribeiro: *a destruição da cultura é um projeto*.

Não obstante, algumas iniciativas sobrevivem, apesar de todos os pesares. Não é nada confortável fazer o papel de xiquexique ou de mandacaru, mas algo imperativo, face ao desejo de sobressair em meio ao ambiente de desolação geral. Não quero com isso criar uma narrativa Euclidiana de “força inerente” ou incluir um humilde cineclube entre os winners da cultura local. Tampouco desejo deplorar nossos *males ad eternum*, tal como os moralistas que superestimam a própria virtude. É uma vitória chegar ao quinto ano de atividades, enquanto tantos outros cineclubes mal completam o primeiro ano de exibições contínuas. Mas é uma vitória com sabor (um tanto) amargo.

Neste curto tempo de vida, conseguimos superar a “mortalidade infantil”, uma alternância de poder, dias de público escasso ou excedente e alcançamos reconhecimento. Fomos premiados. Principalmente: nos inserimos no calendário cultural alencarino. Criamos um nome. Entre tantas pessoas que passaram pelo auditório da *Escola Pública de Audiovisual de Fortaleza*, para assistir a um dos um pouco mais de 240 filmes que exibimos ao longo de cerca de 260 semanas, ininterruptamente. Criamos amizades, apresentamos obras de todos os tipos, homenageamos diretores, atores, celebramos o prazer do cinema enquanto arte individual fruída coletivamente. Estendemos as sessões numa mesa suja de bar. Vivemos e vivenciamos ainda uma bela experiência de ação cultural. E, no fim, é isto o que mais importa.

Gabriel Petter



CINECLUBE 24 QUADROS: UMA IDEIA QUE MUDOU MINHA VIDA

Gabriel Petter
Mestrando em Educação Brasileira, ex-aluno da Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes e membro-fundador do Grupo 24 Quadros.

Quando fui convidado por *Eduardo Pereira* (entre março e abril de 2011, acredito) a tomar parte no que deveria ser um grupo de estudos de cinema, aceitei, meio relutante, pois meu tempo já era então escasso. Éramos ambos alunos do curso de *Realização em Audiovisual da Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes* e amantes de cinema – além de grandes amigos. Porém, como em todos os projetos por nascer, tive certa insegurança inicialmente, algo justificado pela minha trajetória no cineclubismo.

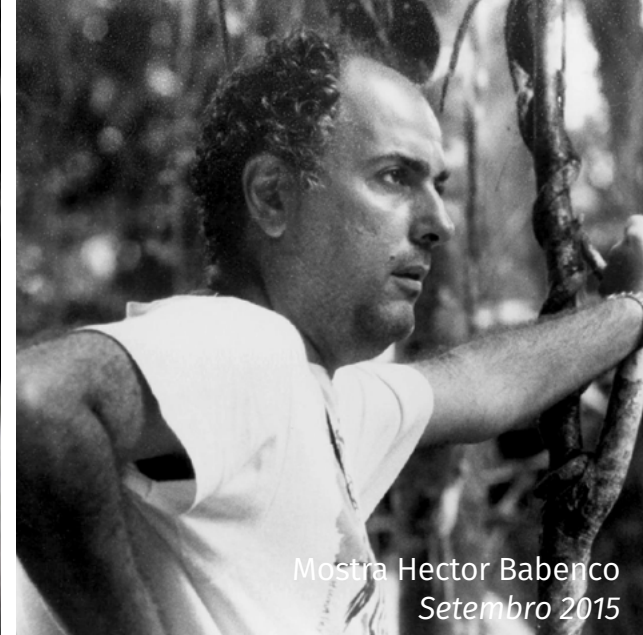
Sim, eu tinha cuidado, antes da experiência com o 24 Quadros, por cerca de dois anos, na condição de bolsista, do *Cine Imaginário*, um cineclube ligado ao *Núcleo de Políticas Culturais da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da Universidade Estadual do Ceará*, onde eu estudava Geografia. Em pleno Campus do Itaperi, na hora do almoço, num auditório cheirando a mofo e cujo uso me obrigava, semanalmente, a redigir e entregar um ofício à secretária da Pró-Reitoria de Graduação, a quem o auditório “pertencia”. Sempre com quatro gatos pingados naquelas cadeiras desconfortáveis e um solitário trabalho de organização e exibição, aquilo foi se tornando um pós-porre de cachaça.

Por isso o “pezinho atrás” quando compareci ao primeiro encontro do grupo de estudos. Havia então muita gente, muitas ideias, muitas perspectivas... mas nada de efetivo quanto ao formato, dia, horário etc. do cineclube – aliás, esta era uma palavra que não parecia definir o que estávamos fazendo. Meu alarme de ceticismo foi acionado, mas disparou mesmo quando aquele grupão, reunindo cerca de quinze pessoas, foi se reduzindo, aos poucos. Apenas cinco sobreviventes iniciaram efetivamente o cineclube e, pra “melhorar”, nossa primeira mostra foi um fracasso quase total. Digo quase porque apenas “seu” Cavalcante, nosso mais fiel *habitué*, prestigiou o evento, dedicado ao diretor estadunidense *Michael Moore*.

Não demorou muito para que tivéssemos públicos mais “expressivos”, porém. Com consideráveis variações, vale ponderar. Se chegamos a lotar duas salas para a exibição de um mesmo filme – durante uma mostra dedicada a *José Mojica Marins* –, também exibimos filmes para ninguém (!). Isto é natural. Criar público é algo que demora um bocado. Qualquer cineclubista conhece esta realidade. Construir e consolidar uma imagem também custa um bom tempo. Nestes cinco anos, acho que conseguimos fazê-lo, entre êxitos e fracassos, nas sextas à noite, competindo com todas as opções “mais interessantes” que uma grande cidade pode oferecer.

Esta meia década foi decisiva para mim. O “capital cultural” adquirido junto à assistência de centenas de filmes, as relações tecidas, as horas incontáveis de conversas sobre cinema, junto ao público ou com o trio a que se reduziu o grupo inicial, as pesquisas necessárias para não cometer erros em falas públicas, tudo isto mudou minha relação com a sétima arte e me mostrou novas possibilidades, antes insuspeitadas ou desacreditadas por mim mesmo. Aprendi que é possível criar e manter uma ação cultural significativa e que a vida pode (e deve) se contaminar de sonhos, mesmo aqueles que pareçam irrealizáveis à primeira vista.

Nestes cinco anos tivemos dias bons, ruins, péssimos e maravilhosos. Vimos nosso público crescer ano a ano, fomos (com justiça) premiados e reconhecidos, tomamos parte – tímida, mas bravamente – na agenda cultural de Fortaleza, discutimos (muito), fizemos novas amizades, exibimos filmes maravilhosos, outros ruins, outros horríveis (risos), sempre dentro do espírito de grupo e amizade que nos levou ao índice – inédito, mesmo entre amigos – de brigas ZERO entre nós. Talvez mais do que amizade, o que nos une e inspire seja um amor fraternal, que nos leva a exibir filmes como mero pretexto para não perdermos nosso precioso contato.



Mostra Hector Babenco
Setembro 2015



Mostra Universo Erótico
Abril 2016



Mostra Tim Burton
Agosto 2015

Mostra Alfred Hitchcock
Fevereiro 2016

UMA MOSTRA PARA O RESTO DAS NOSSAS VIDAS

Eduardo Pereira
Graduado em Biblioteconomia, ex-aluno da Escola Pública de Audiovisual de Fortaleza, gestor da Gibiteca de Fortaleza, realizador e membro-fundador do Cineclube 24 Quadros.

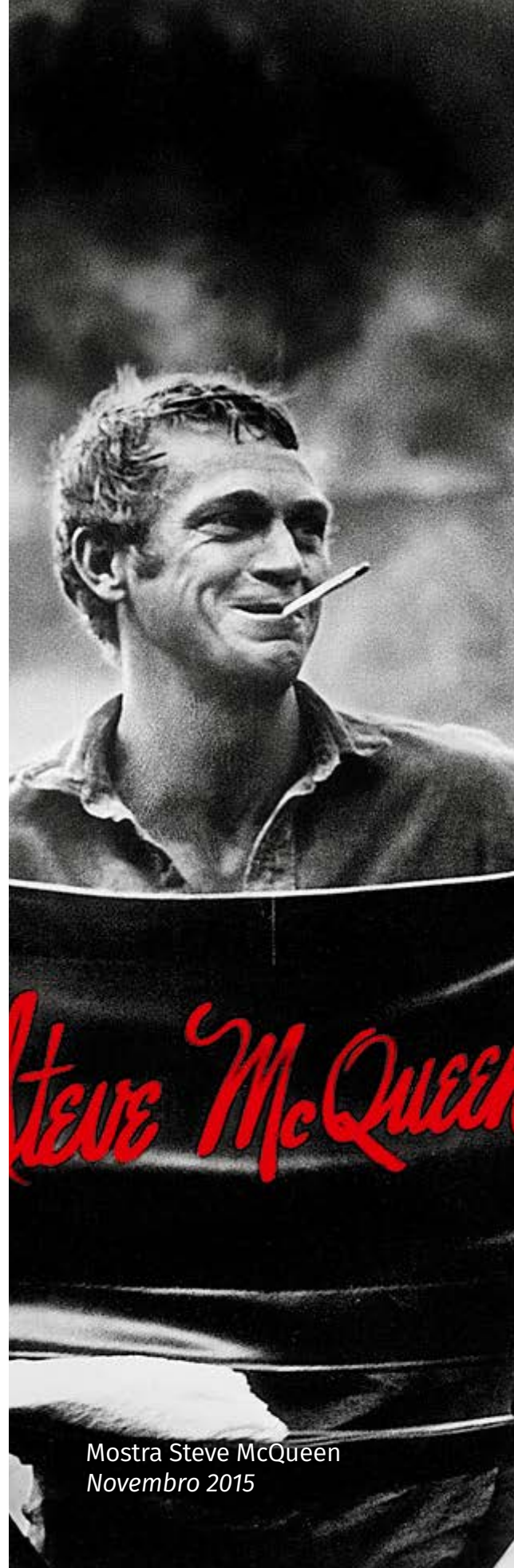
Como toda boa história, é bom sempre começar pelo que lembramos (risos). Era 2011, quando a Socorro Araújo, à época responsável pelo *Pontos de Corte* – projeto da Prefeitura de Fortaleza que formava futuros cineclubistas – começou uma série de reuniões com ex-alunos (entre eles eu) para discutirmos um projeto de criação de um cineclube independente, que teria como sede a *Vila das Artes*, aparelho cultural ligado à prefeitura de Fortaleza. Lembro-me que, na época, ainda conseguimos fazer uma mostra em homenagem ao diretor polonês *Roman Polanski*, mas com a demissão da Socorro da Vila das Artes, o novo cineclube – que nem nome tinha (!) – estava fadado a acabar.

Nesse ínterim, porém, conheci o Pierre Grangeiro e o Gabriel Petter em circunstâncias que evoluíram DVDs e ótimos papos sobre a sétima arte. Convidei-os a participar de algumas reuniões com os ex-alunos do Pontos de Corte, que agora, sem a participação da Socorro, retomariam o cineclube e as mostras de filmes. De início, todos concordaram. Mas, como sempre acontece, poucos passaram para o plano prático. Apenas cinco pessoas formataram o cineclube: Alex Sampaio, Luís Carlos, Gabriel Petter, Pierre Grangeiro e eu. Pouquíssimo tempo depois decidimos nomear o cineclube como **24 Quadros**, imediatamente adotado por todos.

Após algumas reuniões, falei a todos que queria fazer uma mostra de filmes focada nos documentários de *Michael Moore*. Todos toparam. E em maio de 2011, realizou-se a primeira mostra do cineclube. E junto com ela nasceu nossa logomarca – que foi feita pela *Maria Évila*, minha namorada, que também fez nosso primeiro cartaz, um dia antes da exibição do nosso primeiro filme. Curiosamente esta primeira mostra foi um fracasso. Mas nos trouxe a presença do “seu” *Cavalcante*, nosso espectador mais assíduo até hoje.

Com o passar do tempo, porém, o 24 quadros fez mostras de muito sucesso. Fomos citados em jornais, sites, revistas e muitos outros meios de comunicação. Ganhamos um edital de apoio a cineclubes e um troféu de destaque cultural. Escrevemos textos em nosso blog e agora em um site. Produzimos catálogos. E temos o privilégio, em 5 anos de existência, de termos feito ininterruptamente uma mostra a cada mês.

Atualmente, de cinco membros, somos apenas três: Gabriel Petter, Pierre Grangeiro e eu. Mas, passado todo este tempo, temos certeza que vencemos, amadurecemos e nos divertimos muito por termos exibido muitos filmes que encantaram tantas pessoas, que deram um pouco de seu tempo, para sentarem em uma cadeira do nosso cineclube e assistir a um filme que sempre exibimos para agradar ao público.



Mostra Steve McQueen
Novembro 2015



Mostra Clint Eastwood
Junho 2015



Mostra Michael Moore
Maio 2011



Mostra Os Reis da Comédia
Março 2016

PARECE QUE FOI ONTEM

Pierre Grangeiro
Especialista em Arte-Educação, graduado em História, é membro-fundador do Cine-clube 24 Quadros

Seis de maio de 2011. Aniversário de Orson Welles, o mago do cinema. A sala estava vazia. Foi o meu primeiro dia como cineclubista. A mostra prestava tributo ao documentarista Michael Moore, um dos cineastas mais polêmicos do mundo. O filme era *Roger e Eu* (EUA, 1988), seu primeiro longa e até hoje sua obra-prima. O grupo, além de mim, era formado por Alexander F. Sampaio, Luís Carlos, Eduardo Pereira e Gabriel Petter. Poucas pessoas estavam presentes naquela noite quente de maio, que viria a se tornar histórica. Afinal, era o início de uma jornada das mais significativas da cena cultural fortalezense nessa primeira década do segundo milênio. Uma turma de jovens na faixa dos trinta e poucos anos (ou menos) se uniram em torno de uma paixão em comum: o cinema. Esse foi o embrião do **Cine-clube 24 Quadros**. Encontros semanais que se iniciaram na quinta-feira, mas que passaram no segundo ano a ser na sexta. E já se vão cinco.

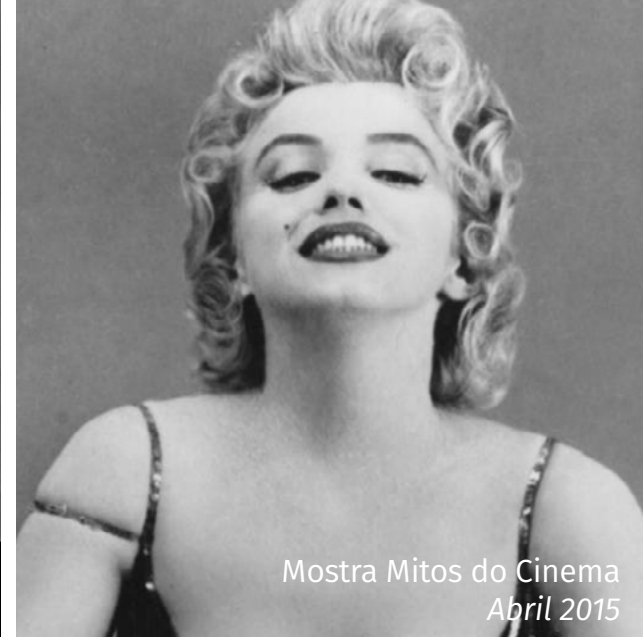
Cinco anos do mais puro deleite cinematográfico. Uma experiência das mais gratificantes. Filmes de todos os gêneros e para todos os gostos. Algumas lembranças ficarão para sempre na memória deste que vos fala. Como não recordar do nosso primeiro sucesso, ocorrido já no segundo mês, com uma retrospectiva da obra de George Romero, o cultuado mestre dos filmes de zumbi? Depois tivemos Bertolucci, *Zé do Caixão*, filmes da sessão da tarde, animação, *cultmovies* e muito mais. Tudo no primeiro ano. Nunca vou me esquecer dos aplausos quando terminamos de exibir o extraordinário *Tragam-me a cabeça de Alfredo Garcia* nem a overdose de risadas durante a exibição de *Plano 9 do Espaço Sideral*, injustamente considerado o pior filme do mundo. Em 2012, começamos com todo gás, com filmes que falavam da cena rock. Um ano cheio de mostras bastante diversificadas. Particularmente gostei bastante da homenagem que fizemos ao ciclo da Hammer, à diva Bette Davis, aos astros Peter Sellers e Humphrey Bogart e ao *enfant terrible* Pier Paolo Pasolini. Em 2013, nossos laços se intensificaram. Fim do governo da prefeita Luizianne Lins. Início de uma nova gestão. A única atração do Vila das Artes no início do ano era o nosso cine-clube. E não fizemos feio pois a primeira mostra

do ano bombou com os filmes de David Cronenberg. Um ano cheio de altos e baixos, mas não baixamos a cabeça jamais. Filmes que variavam de cinco a trinta pessoas como ocorre com todo cineclube que se preze. Nesse ano tenho ótimas lembranças do grande passeio que fizemos pelo cinema coreano, pelos clássicos do horror, pelo universo *trash* e os filmes de boxe. 2014 foi mais um ano bastante estimulante. Em época de *Copa do Mundo*, já tínhamos um público cativo formado por pessoas das mais variadas faixas etárias. Tivemos mostras bastante instigantes como cinema erótico, uma retrospectiva do Walter Hugo Khouri, os filmes baseados em Stephen King e um passeio pelos *cult movies* das décadas de 1980 e 1990. 2015 foi o ano de nossa consagração. Fomos selecionados no XI edital de Cinema e Vídeo, celebramos o centenário de Orson Welles, homenageamos Clint Eastwood, Steve McQueen e o Papa do gótico Tim Burton. Essa foi marcante pois atingimos o nosso recorde de público com mais de cem pessoas no recinto. E chegamos finalmente a 2016.

Como não lembrar, nesse percurso, dos nossos grandes colaboradores?: Pedro Paulo (curador do Cineclube do Centro Cultural Banco do Nordeste), Aldanísio Paiva (grande ator e responsável pela nossa primeira oficina), Giulyo Barbosa (grande talento da nossa cena musical), Luís Carlos Sousa (*designer* dos nossos catálogos, *banners* e cartazes) e do estudante de jornalismo Gabriel Salcêdo (um dos nossos maiores incentivadores). E, claro, nosso público. Grandes personagens que fazem parte da nossa história como Paulo Carvalho, Marcos Paulo, Delano Borges, Tatiana Ferreira, Socorro Amarante, José Wilson Baltazar (nosso mestre e maior cinéfilo das terras alencarinhas) e claro, “seu” Cavalcante, nosso decano e mais fiel frequentador, inclusive presente na histórica primeira sessão. Como não lembrar dos nossos encontros no barulhento restaurante *Ki Frango* (ou *bar trash*, para os íntimos) depois de cada sessão? Agora estamos aguardando a resposta de uma seleção em um novo edital. Hoje o cineclube foi reduzido a apenas três: Eduardo, Gabriel e eu, e estamos mais unidos do que nunca. Quanto ao futuro, só o tempo dirá. Mas já fazemos parte de uma bela história. Estamos todos de parabéns.



Mostra Centenário de Orson Wells
Maio 2015



Mostra Mitos do Cinema
Abril 2015



Mostra Cinema Oriental
Outubro 2015



Mostra Anos Rebeldes
Julho 2015

POR QUÊ O ÚLTIMO TANGO EM PARIS MAIS UMA VEZ?

Gabriel Petter

Exibi **O Último Tango em Paris** (ITA/FRA, 1972) no dia 21 de julho de 2011, uma quinta-feira, dentro da mostra dedicada ao diretor italiano *Bernardo Bertolucci*, a terceira do *Cineclube 24 Quadros*. Bertolucci já frequentara o cineclube no qual eu tinha atuado antes, na *Universidade Estadual do Ceará*, na qual exibi **Os Sonhadores** (FRA/ITA/UK, 2003). Não era um desconhecido para mim, portanto. Mas eu ignorava a sua mais polêmica obra.

Este é um filme de um *Marlon Brando* (forçado a participar pelo produtor italiano *Alberto Grimaldi*, sob ameaça de processo) exuberante na arte de transformar mais um personagem num desdobramento da sua personalidade dominante. Dizer que este foi um filme de Brando não é força de expressão: seguro de que Bertolucci não sabia o que estava fazendo, foi o ator, no fundo, quem dirigiu o longa. *Maria Schneider*, então uma menina de 19 anos, não podia fazer frente ao ator que contava 48 amargas primaveras.

A pobre atriz, aliás morta em fevereiro de 2011, nunca conseguiu superar a superestimada cena de sexo anal, facilitada por uma barra de manteiga. A sequência, que não constava no *script*, foi sugestão de Brando, apoiada por Bertolucci, e fez Schneider verter as lágrimas que vemos na tela. Maria já era por demais traumatizada: abandonada pelo pai biológico – o ator francês *Daniel Gelin*, que só a reconheceu quando ela era adolescente – e viciada em drogas pesadas, ela percebeu a simulação de sexo como uma espécie de estupro. Ninguém tem o direito de julgá-la. A ideia, porém, foi uma sacada de mestre (do terror) – pelo menos em termos de *marketing*. O filme foi um fenômeno mundial de público. E como todas as obras que chamam a atenção, **O Último Tango em Paris** não escapou de sérios problemas.

Para se ter uma ideia, a justiça italiana ordenou que todas as cópias do filme fossem recolhidas e destruídas (!). Bertolucci teve que esconder a matriz para fugir da fúria moralista da sua terra natal. Foi condenado a quatro meses de prisão, decisão substituída por outra, tão cruel quanto: a suspensão dos seus direitos civis e políticos por cinco anos. No Brasil, o longa só foi liberado para exibição em 1979, e no Chile de Pinochet, apenas com a queda do ditador.

Não obstante, **O Último Tango em Paris** é, de fato, uma obra-prima, na qual a verdade transparece em cada metro de celuloide. Adepto do método Stanislavski, aprendido em suas aulas – na academia e na vida – com Stela Adler, Marlon Brando revestiu seu personagem, um americano de meia-idade em Paris reavaliando a própria vida, de uma autenticidade comovente. De fato, várias das histórias que o personagem sem nome narra são fatos narrados no futuro por Brando em sua autobiografia. Maria Schneider, por seu turno, era (bem mais pra) mais ou menos aquela jovem desajustada – no sentido da normatividade social – que trava relação com o americano em Paris, um enlace baseado em (muito) sexo e segredos.

Assistindo ao filme, mais de 40 anos após o seu lançamento, é ironicamente risível pensar que suas inócuas sequências de sexo (e apenas isso) despertaram tamanha celeuma. Num Brasil ora marcado pelo crescimento exponencial das denominações evangélicas neopentecostais, por um golpe parlamentar em nome de Deus e da família e pelo ideal de uma mulher “bela, recatada, e ‘do lar’”, provocar é mais que preciso. Cultivar falsos pudores sexuais é colaborar com a “ordem” pré-estabelecida pelo pensamento hegemônico. Irônico é que a desmistificação destes valores ainda possa ser feita por um filme de meia-idade.

UM FILME DE SESSÃO ÚNICA

Eduardo Pereira

Ao longo da existência do *Cineclube 24 Quadros*, tivemos grandes momentos, grandes decepções e até momentos que queríamos desistir. Mas a vontade de manter o projeto vivo sempre foi algo que mantemos acesa dentro de cada membro. E é isso que mantém o cineclube ainda ativo, forte e firme para seguir adiante.

Mas quando os amigos e companheiros Pierre e Gabriel me perguntaram qual seria o filme que eu escolheria para ser reapresentado ao público novamente, no aniversário de 5 anos do cineclube, me veio à mente várias obras. Depois de muito pensar, lembrei do nosso único filme exibido em sessão especial: **O Exorcista** (no original *The Exorcist*, EUA/1973), que exibimos em 2012, comemorando os 40 anos da sua primeira exibição-teste. O interessante é que, ao escolher esse filme, estamos homenageando o terror, gênero que mais trouxe público para o *Cineclube 24 Quadros*.

Agora posso, sem muitas delongas, explicar do que se trata **O Exorcista**. Este foi, na opinião de muitos críticos de cinema, um dos maiores filmes de terror estadunidenses de todos os tempos, dirigido por *William Friedkin*, com roteiro de *William Peter Blatty*, que se baseou em um livro homônimo de sua autoria. O filme foca seu enredo na possessão demoníaca de uma garota de 12 anos, que é possuída pelo demônio Pazuzu. O livro de Blatty foi livremente inspirado num exorcismo real, que aconteceu com um garoto de 14 anos de idade, documentado no ano de 1949.

O filme transformou-se em um dos mais lucrativos do seu gênero em toda a história do cinema americano, arrecadando mais de U\$ 440 milhões em todo o mundo. O Exorcista fez sua estreia nas telas no dia 26 de dezembro de 1973, em território americano, e foi distribuído pela poderosa *Warner Brothers*. Friedkin, diretor do filme, afirmou em diversas entrevistas sua relutância em falar sobre alguns aspectos fatuais do longa. Ele sempre diz que fez a obra com a intenção de immortalizar os acontecimentos que tiveram lugar em Cottage City, Maryland, em 1949, e, apesar das mudanças insignificantes que foram feitas, a película descreve tudo o que pode ser verificado por aqueles que estiveram envolvidos com os acontecimentos ocorridos.

Embora baseado em acontecimentos ditos reais, o livro de ficção escrito por *William Peter Blatty* mudou vários dos detalhes descritos pelas testemunhas, como mudar o gênero da vítima supostamente possuída, bem como alterar sua idade. Curiosamente, para produzirem o grunhido do demônio no filme, foram captados sons de porcos e vacas sendo levados para o abatedouro.

O Exorcista foi um dos únicos filmes de terror a ganhar dois Oscar: o de melhor roteiro adaptado e de melhor som. Foi ainda indicado em outras oito categorias: melhor filme, melhor diretor, melhor atriz (*Ellen Burstyn*), melhor ator coadjuvante (*Jason Miller*) melhor atriz coadjuvante (*Linda Blair*), melhor edição, melhor fotografia e melhor direção de arte. Uma obra que se autoafirmou e mostrou ao mundo que *horror movies* podem ser obras de qualidade artística e técnica impecáveis.

Estávamos no longínquo ano de 2011. Era o início da trajetória do *Cineclube 24 Quadros*. Começamos em maio e depois de duas mostras de bastante sucesso (*George Romero* e *Bertolucci*, respectivamente) finalmente eu tinha minha oportunidade como curador. O escolhido na minha prateleira foi um mito do cinema brazuca. Uma lenda viva. *Coffin Joe* para os gringos, mas, para todos nós, o icônico *José Mojica Marins*, ou simplesmente, **Zé do Caixão**, pois, assim como *Chaplin* e *Carlitos*, a criatura “engoliu” seu criador.

Minha primeira lembrança do Mojica foi no famoso *Cine Trash*, exibido em meados dos anos de 1990 pela Rede Bandeirantes e que encantou milhares de adolescentes Brasil afora. Em uma época em que ainda tínhamos grandes opções na TV aberta, aquele homem, já de meia idade, vestido de preto e com unhas enormes assustava a todos, apresentando filmes emblemáticos do gênero terror e jogando suas pragas de maneira bastante divertida. Eu mal sabia do seu passado como cineasta. Muito menos de sua importância para a cultura brasileira. Depois disso assisti Mojica em programas de auditório, rodas de conversas e até em cliques de banda de rock. Finalmente em uma bela tarde perambulando pelo bairro Benfica, resolvi visitar a saudosa *Cinéfilo Videolocadora*, localizada bem na Praça da Gentilândia e que foi “febre” durante quase uma década entre muitos estudantes e apreciadores da sétima arte. Só para se ter ideia, lá encontrávamos quase toda a filmografia do *Bergman*, *Pasolini* e do Neo-Realismo italiano, além das principais obras do *Mojica*. Filmes restaurados, com ótimos extras e comentários preciosos de *Carlos Primate*, o maior especialista em cinema de horror no Brasil e amigo íntimo do Zé. Comecei a maratona vendo *À Meia Noite Levarei Sua Alma* (1964) e *Essa Noite Encarnarei no Seu Cadáver* (1967), dois clássicos absolutos e prova incontestável da criatividade de Mojica como realizador. Nesses dois filmes passei a entender que estávamos diante de um diretor único no panorama latino-americano. Interpretando um sádico cruel que estava em busca do filho perfeito, Mojica incorporou com o *Zé do Caixão* um personagem inesquecível. Nesses filmes ele mostrou que seu cinema era universal, antropofágico e transgressor. Apesar das imperfeições técnicas, das falhas de atuação e de roteiro, esse tipo de cinema conseguia ter um fascínio raro, que mostrava a personalidade gloriosa de um grande artista. Isso tudo foi comprovado mais quando assisti o quarto filme do *Zé do Caixão* e a prova definitiva de sua genialidade: **Ritual dos Sádicos ou O Despertar da Besta** (1969).

Ápice da parceria do Mojica com seu mais importante colaborador, o também genial escritor e roteirista *Rubens Francisco Luchetti*, esse filme foi censurado durante décadas e apreendido pela censura militar caolha. O motivo alegado foram as inúmeras cenas de orgia contidas na película e sua suposta apologia ao uso das drogas. Mas ele é muito mais do que isso. Feito no período mais conturbado da ditadura militar, essa obra-prima pode ser considerada o maior exemplo de filme metalinguístico brasileiro. Mojica aparece como ele mesmo, no momento em que *Zé do Caixão* já é um personagem folclórico e extremamente popular. Muitas cenas do filme foram retiradas de programas de televisão, propagandas e até de perseguição policial perpetrada pela famigerada Operação Bandeirantes. Um dos figurantes é o sádico torturador *Sérgio Paranbos Fleury*. O argumento do filme retrata diversas personalidades discutindo o ambíguo caráter do ser humano e o efeito das drogas psicodélicas na sociedade. Percorrendo todo o universo da contracultura e traçando um painel realista da classe média paulista de São Paulo com seu falso moralismo e hipocrisia, a obra dialoga com grandes autores do período, como *Plínio Marcos* e *Nelson Rodrigues*. O epílogo leva o espectador a uma viagem sensorial pelo subconsciente humano, elaborada de maneira poucas vezes vista no nosso cinema. Essa cena inclusive foi filmada em cores, mostrando o cuidado que Mojica teve para retratar o psicodelismo em voga na época. Por tudo isso que digo até hoje ser esse um dos meus filmes favoritos.

Voltando a 2011, lembro que a mostra *O Estranho Mundo do Zé do Caixão* foi um sucesso absoluto de público acompanhada de um belo minicurso ministrado por *Carlos Primate*. Lembro que a sessão do filme citado ocorreu na última sexta-feira de agosto e foi finalizada com uma saraivada de palmas, o que deixou a nós do grupo bastante orgulhosos. Claro que em uma retrospectiva das nossas principais mostras não poderíamos deixar de exibir novamente esse filme antológico. Será acima de tudo uma justa homenagem ao mestre Mojica, que acabou de completar 80 anos e ao grande *Rubens Francisco Luchetti*, que está sendo redescoberto através de sua página no Facebook.

RITUAL DOS SÁDICOS (OU: O DESPERTAR DE UM GÊNIO)

Pierre Grangeiro



BOTECO TAMBÉM É CULTURA!

Gabriel Petter

Cadeiras e mesas de plástico encardido, atendimento de garçons “exóticos”, banheiro unissex... Não, não estou falando de um puteiro, mas de um bar, digamos, “diferente”. No CNPJ, se chama *Ki Frango*. No nosso dialeto, é mais conhecido por “*bar trash*”, um boteco em cujas cadeiras e mesas continuamos nosso encontro semanal no cineclube. Uma porcaria – e por isso mesmo irresistível.

Pode parecer estranho que “homens de cinema” se esbaldem em pocilgas assim. A explicação é que, sim, nos levamos a sério, mas não ao ponto do esnobismo. O ambiente geral do lugar é decadente, mas divertido. Por outro lado, o bolso, melhor e pior amigo do homem (a depender da situação) indicou-nos aquele lugar para “estacionar” por um par de horas. A caminho de casa, nosso bar de quinta conta com parada de ônibus, bebida e petiscos baratos.

Entre garrafas de cerveja, deliciosas porções de

batata, feijão verde e linguiças de porco, os mais variados assuntos brotam. A política nacional talvez seja um dos tópicos preferidos. A música, sempre de péssima qualidade, dá o tom. Almas solitárias parecem procurar entre as mesas algum alento para sua necessidade urgente de atenção. Vendedores ambulantes, malandros e mendigos (não necessariamente nesta ordem) assediam os clientes, na esperança de filar uma bebida ou conseguir um trocado.

É neste ambiente de boemia à procura de dias melhores que nossas sessões por vezes terminam. Nada mais pitoresco, salvo, talvez, a encomenda de uma réplica da fachada do *Ki Frango*, que fiz ao casal de artistas *Sérgio Silveira* e *Lana Benigno*. Esta singela escultura repousa sobre uma das minhas estantes de livros. Uma lembrança constante de que tudo na vida é fugidío e não interessa muito manter as aparências nesta cidade de aparências. E como é bom cair na esbórnia, às vezes!

Cineclube 24 Quadros - 5 anos

Curadoria.....	}	PIERRE GRANGEIRO
		GABRIEL PETTER
		EDUARDO PEREIRA
Realização		GRUPO 24 QUADROS
Apoio		VILA DAS ARTES/SECRETARIA DE CULTURA DE FORTALEZA
Patrocínio.....		SECRETARIA DE CULTURA DO CEARÁ/ANCINE, ATRAVÉS DO XI EDITAL DE CINEMA E VÍDEO
Imagens		DIVULGAÇÃO
Designer.....		AMANDA ALBOINO
Textos e pesquisa		GABRIEL PETTER
Revisão		LUÍS CARLOS SOUSA
Produção.....	}	PIERRE GRANGEIRO
		GABRIEL PETTER
		EDUARDO PEREIRA

Acesse nosso site: www.grupo24quadros.com.br e tenha mais informações sobre nossas mostras e demais produções.

Apoio

